

ARTIGO



Maíra Habimorad, CEO do Inteli (Instituto de Tecnologia e Liderança). Graduada em filosofia pelo Mackenzie e em relações internacionais pela Faap, é especialista em Recursos Humanos pela FIA e doutoranda em educação pela Universidade da Pensilvânia.

A escolha da profissão não é mais uma sentença para a vida toda

Às vésperas das inscrições para os vestibulares de 2027, o desafio dos jovens não é encontrar uma profissão “para sempre”, mas construir repertório para navegar por carreiras cada vez mais fluidas e tecnológicas

Houve um tempo em que escolher uma graduação parecia assinar um contrato de longo prazo com o futuro. As tradicionais medicina, direito, engenharia, administração eram um passaporte para a estabilidade e o curso era quase uma definição de identidade.

Hoje, escolher uma graduação é basicamente decidir quais problemas quer resolver no futuro e quais competências precisa desenvolver. A escolha continua exigindo pesquisa, autoconhecimento e reflexão. Só que não precisa mais ser um caminho único e uma escolha irreversível.

O ponto é observar os sinais e aprender sobre si mesmo. Em quais atividades você entra em concentração profunda, aquele “flow” em que o tempo parece passar sem ser percebido? Que desafios despertam sua curiosidade? Você gosta de criar, analisar, cuidar, negociar, investigar, explicar, construir ou imaginar? Essas perguntas não dão respostas prontas, mas ajudam a tornar a escolha menos abstrata.

Para quem está diante das inscrições dos processos seletivos de 2027, algumas atitudes tornam a decisão mais consciente. Converse com profissionais de áreas que despertam interesse. Fale com professores, visite universidades, feiras de profissões e laboratórios: ver o curso de perto é diferente de ler uma descrição na internet. Use testes vocacionais e assessments como ponto de partida, não como linha de chegada. Experimente antes de escolher, com cursos livres, projetos pessoais e hackathons. Use as redes sociais para ver como profissionais se posicionam, de quais eventos



G O M E Z

participam, como expõe suas conquistas e seus desafios reais. E o mais importante: observe-se com honestidade. Nem tudo o que parece dar dinheiro ou status, vai

trazer satisfação. Pense realmente quais problemas gostaria de enfrentar todos os dias.

A boa notícia para quem está escolhendo um curso é que há

mais caminhos possíveis entre interesse pessoal e trabalho do que havia no passado. Quem passa horas tocando em uma banda talvez não precise limitar o futuro à

ideia de ser músico. Pode trilhar uma carreira em engenharia de áudio, produção musical ou desenvolvimento de softwares de edição. Quem perde a noção do tempo em campeonatos de games pode desenvolver jogos, atuar no design, roteiro, animação ou experiência do usuário. O interesse por causas ambientais pode ser aproveitado em um trabalho sobre economia circular ou inovação.

Para quem pensa em escolher a carreira de engenharia, não basta gostar de exatas. O caminho pode seguir para áreas como computação, energia, mobilidade, relações com investidores, meio ambiente, sistemas, automação, química ou aeroespacial. Essa multiplicidade reflete um mercado que exige profissionais cada vez mais especializados, mas com visão sistêmica do negócio. Não se trata mais apenas de ser um “engenheiro”.

Em um mundo em transformação, escolher uma profissão é menos sobre decidir quem você será para sempre — e mais sobre desenvolver condições para continuar se tornando. Carreiras, afinal, serão cada vez menos lineares.

Escolher uma graduação continua sendo uma decisão relevante. Mas, talvez, seja mais saudável encará-la como a abertura de uma trajetória, e não como o fechamento de todas as outras possibilidades. A melhor preparação não é tentar prever o cargo que existirá daqui a 10 anos: é desenvolver curiosidade, capacidade de aprender continuamente e coragem para ajustar a rota. A carreira do futuro talvez não seja aquela que se escolhe de uma vez só. Mas aquela que pode ser construída e renovada dia a dia.